

FUTEBOL E DIVERSIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE SOBRE A IDEALIZAÇÃO DOS JOGOS “PRETO X BRANCO” EM SÃO JOÃO CLÍMACO/ SP

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão¹

Antonio Jorge Gonçalves Soares²

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os sentidos da idealização dos jogos “Preto X Branco”. Para tanto, tomou-se como fonte a memória sobre este evento acumulada em diversos tipos de mídias, entrevistas semi-estruturadas realizadas com organizadores dos jogos e a observação participante na edição de 2009. Pode-se concluir que idealização deste evento remonta ao início da década 70 do Século 20 motivada pela necessidade elencar um marcador social para diferenciar os times e promover um jogo de confraternização ao final do ano civil. A adoção do critério racial para diferenciação dos times e a composição do jogo “Preto X Branco” ajuda a reforçar os valores antirracistas, caros à constituição, à vivência e ao *ethos* do povo brasileiro.

Palavras-chave: Futebol; Memória; Idealização.

SOCCER AND CULTURAL DIVERSITY: AN ANALYSIS OF THE IDEALIZATION OF THE “BLACK vs. WHITE” GAMES IN SÃO JOÃO CLÍMACO/SP

ABSTRACT: The aim of the present study is to analyze the meaning of the idealization of the “Black vs. White” games. In order to do so, data available in all types of media were collected, semi-structured interviews with the game organizers were conducted and an observation of the 2009 edition was performed. It is concluded that the idealization of the event goes back to the 1970's, motivated by the need of creating a social marker to distinguish the teams and promote a fraternization game at the end of the civil year. The adoption of a racial criterion to differentiate the teams and the establishment of a “Black vs. White” game helps to reinforce the anti-racists values, which are important to the constitution, and to the living and ethos of the Brazilian population.

Keywords: Football; memory; Idealization.

¹ Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: bolabra@gmail.com

² Doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF), Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: ajgsoares@gmail.com

Introdução

O futebol é uma modalidade profundamente vinculada ao lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura brasileira. Uma destas tradições, que compõe um capítulo especial da diversidade cultural do futebol no Brasil, é vivenciada há 41 anos no bairro de São João Clímaco, em São Paulo, capital, em um dos domingos que antecedem ao Natal. São os jogos “Preto X Branco”.

Estes jogos têm como características distintivas o fato de serem vivenciados no espaço/ tempo de lazer por equipes compostas por jogadores que se auto-declaram “pretos” contra outras compostas por jogadores que se auto-declaram “brancos”. No dia do evento ocorrem, em média, quatro jogos em que os jogadores são divididos em função da idade e de critérios que definem a habilidade técnica de cada participante. O objetivo deste artigo é analisar os sentidos da idealização deste jogo ritual. Em contato com as fontes que permitiram conhecer a idealização deste evento podemos enquadrá-lo naquilo que DaMatta entende como um ritual, isto é:

[...] manifestações para verificar seu significado social e sua posição ao longo de uma ideologia que tende a negar o tempo. Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí por que os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus ‘eternos’³.

Se o ritual se constitui como esse domínio privilegiado de manifestação daquilo que se deseja “eterno” numa sociedade, “ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social⁴. O ritual, diz o autor, é, entre outras coisas, um instrumento privilegiado para expressar coisas e relações já sabidas. Sua finalidade,

³ DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5ª edição. Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1990, p. 24.

⁴ *Ibidem*, p. 25.

complementa o autor, não deve ser a única opção de análise, mas sim o “conjunto de dramatizações que tornam o rito atraente e interessante, mais do que todo aparato necessário para sua realização” (idem, p. 33).

Neste sentido visitar os sentidos do surgimento da idealização deste ritual de futebol comunitário revela aspectos relacionados à sua atração e o interesse em idealizá-lo. Se atualmente este jogo encontra-se enraizado na comunidade local estabelecendo diálogos com a maior cidade do país e até mesmo com o Brasil mostra-se importante visitar seus “pontapés iniciais”. Quando surgiu? Quais as demandas relacionadas ao seu surgimento? O jogo sempre apresentou o formato atual ou houve modificações ao longo dos anos? Responder as estas questões revela-se importante a fim de compreendermos o surgimento deste jogo que se relaciona com o caro debate racial na sociedade brasileira

Este jogo trata-se de uma experiência oriunda da cultura popular e o interesse em conhecê-lo surgiu pelo fato dele proporcionar um arranjo privilegiado para a problematização da questão étnico-racial na cultura brasileira, como anunciado pela revista Trip, uma das muitas mídias que se ocuparam desse evento:

onze de pele preta para um lado, onze de pele branca para o outro e uma bola no meio renderam um jogo repleto de raça, jogadas de efeito, lances duvidosos, entradas duras, categoria, marcação cerrada e gols – tudo que um jogo de várzea sempre teve – só que desta vez com um tempero apimentado: o sarro racial correndo livre e solto. Entre amigos de longa data e muita festa (p. 63).

As fontes utilizadas para analisar esse evento foram as seguintes: matéria publicada pela Revista Trip (17 Abr. 2003); documentário da TV Cultura intitulado “Preto X Branco” (2004)⁵; da Rede Bandeirantes de Televisão, exibida pelo programa dominical “Band Esporte Clube” (24 Jan. 2010). No sentido de complementar as fontes, realizamos entrevistas semi-estruturadas com o diretor do documentário e com 13 organizadores e participantes dos jogos, assim divididos segundo a auto-declaração dos

⁵ MORALES, W. Preto X Branco [filme-documentário]. São Paulo: TV Cultura, 2004.

próprios entrevistados: 5 pretos, 8 brancos, 1 amarelo e o presidente do Clube da Comunidade que deu nome ao estádio onde são realizados os jogos. Além das dessas entrevistas, vivenciamos a preparação do festival de 2009 e participamos do jogo de abertura realizado no dia 20 de Dezembro na condição de jogador do time dos pretos, além de participar da festa de confraternização, ao som de roda de samba, promovidas nos dias 13 e 20 de Dezembro⁶.

“Preto X Branco”

Denominado pelo próprio grupo de “encontro entre amigos Preto X Branco”, como se pôde ler em faixas e canecas de chopp alusivas ao evento, esses jogos de futebol contém todos os ingredientes do “futebol de várzea” e destacam, ao mesmo tempo, as tensões raciais de nossa sociedade. Em função dessas características este evento proporciona um cenário fértil para a ebulição de diferentes significados sobre o debate étnico-racial na sociedade brasileira.

Esse texto visa cobrir uma lacuna acadêmica. Toledo⁷ fez um balanço da produção acerca do estado da arte em termos de investigações e publicações e constatou que em 21 anos (1980 a 2001), tomando o futebol como tema das ciências sociais, apenas duas entre centenas de publicações, tomaram o “futebol de várzea” ou as “peladas” como objeto de estudo. Neste sentido, este estudo procura aprofundar nesse tema desprivilegiado pela produção acadêmica sobre o futebol na medida em que o ritual esportivo do “Preto X Branco” oferece um cenário privilegiado de observação de dramas relativos ao tema étnico-racial através do futebol vivenciado na várzea.

⁶ Em 2009, o evento foi inicialmente marcado para o dia 13 de Dezembro. Todavia, esse dia amanheceu chovendo bastante e isso demandou que o evento fosse transferido para o outro domingo, dia 20 de Dezembro.

⁷ TOLEDO, L. H. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982 – 2002). **BIB**, 52: 133 – 166. São Paulo, 2001.

O lazer é um momento privilegiado de vivência cultural que, ainda que tenso, pressupõe a busca pelo prazer⁸ ou a satisfação das aspirações dos seus praticantes. Um dos locais de encontro e de vivência das práticas prazerosas do lazer é, por exemplo, os campos de futebol de várzea, presentes sobretudo nas periferias das grandes cidades. Quando espaços como esses – ou segmentos deles – tornam-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, eles recebem o nome de “pedaço”, um conceito proposto por Magnani:

espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada em laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade⁹.

É nesses espaços que acontece a trama do cotidiano e onde se vivencia a prática do lazer nos fins de semana dos bairros populares como, por exemplo, São João Clímaco. O cenário do jogo pode ser entendido como um aquilo que Magnani entende como “pedaço”, uma categoria que descreve uma forma particular de sociabilidade e de apropriação do espaço, cuja análise permite observar um componente afirmativo de “reforço dos laços de sociabilidade desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, “chegados” (âmbito do “pedaço”) e desconhecidos (fora do “pedaço”)”¹⁰.

O “pedaço” daquele grupo é o Clube da Comunidade Parque Fongaro que funciona em um terreno da prefeitura. Essa área dispõe de um campo de futebol society de grama sintética, vestiários, uma quadra de bocha, um bar – o Bar do Chuchu – e um campo de futebol com pouca grama que, se é que não as possui, tem dimensões muito próximas às oficiais. Esse pode ser entendido como o “pedaço” onde se vivencia o “preto contra branco”. Nesse campo se pratica uma modalidade amadora de futebol

⁸ MELO, V. A.; ALVES Jr.; E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

⁹ MAGNANI, J. C. Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia. In: Na metrópole. Magnani, J. C. & Torres, L. de L. (Orgs.). São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996. p. 138.

¹⁰ *Ibidem*, p. 14.

bastante enraizada nos costumes da cultura brasileira. Todos esses ingredientes nos permitem enquadrá-lo como um campo de várzea.

Witter¹¹ entende que a maior riqueza material da várzea é o campo de futebol de grandes dimensões e bem conservado. Além dele, há uma pequena construção de madeira que abriga jogos como damas, dominó, além de dependências destinadas aos apaixonados pelo jogo de bocha e do imprescindível “barzinho” onde terminam as disputas amistosas ou inamistosas, com o “tira-gosto” e a cerveja.

Diante disso podemos incluir o jogo “Preto X Branco” que ocorre nesse “pedaço” como algo próximo a uma “pelada” oriunda da matriz comunitária do futebol, conhecido como “futebol de várzea”, conforme a caracterização proposta por Damo¹². O jogo do “Preto X Branco” está próximo daquilo que Damo entende por futebol de “bricolagem”: “a configuração que admite as mais diversas possibilidades de adaptações em relação às normas da International Board – comitê que contém o monopólio legítimo sobre as regras do *football association*, oficialmente adotado pela FIFA”¹³. Essa bricolagem caracteriza as peladas porque nesse tipo de vivência do futebol joga-se com o que se dispõe ou inventam-se regras ou recursos materiais: “o que caracteriza esta configuração futebolística é a sujeição do *football association* aos contornos locais, ao espaço, tempo, material, enfim, aos contornos físicos, psíquicos e sociais dos praticantes” (*idem*).

Vinculada ao tempo de lazer dos participantes, a várzea possui quase todos os componentes do futebol profissional, diferindo-se em escala. Há uma divisão social do trabalho fora do campo que não é nula, mas precária. Nos jogos, os papéis são bem definidos no início, mas uma mudança repentina das posições em campo não causa espanto, como o centroavante transformar-se em zagueiro, ou, até mesmo, em goleiro.

¹¹ WITTER, J. S. A várzea não morreu. In.: Meihy, J. C. S. (Org.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

¹² DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/agosto de 2003.

¹³ *Ibidem*, p. 140.

Damo¹⁴ ainda salienta que o “futebol de várzea” não é praticado para “manter a forma”, mas para mostrar quem está em forma. Joga-se pelo prazer estético, para exhibir-se. Joga-se, simplesmente, porque isso faz parte das atividades de tempo livre, da sociabilidade entre amigos. Com efeito, podemos entrever que esse modo de praticar futebol ocorre num tempo específico dos seus participantes: o tempo de lazer. Isso permite compreendê-lo enquanto um jogo que transita entre a matriz comunitária e bricolada do futebol. Por futebol bricolado:

são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações para a unidade futebolística. [...] No Brasil tal prática é conhecida como pelada, que é o oposto do futebol de espetáculo: joga-se com o que dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais. De maneira geral, o termo bricolagem é o tempo social do não-trabalho – do lazer, da recreação, do ócio. [...] É praticado em ruas, praças, parques, terrenos baldios e outros tantos espaços à margem das instituições formais” (DAMO, 2007, p. 40-41).

Para o autor, esse é um campo ainda pouco explorado nos estudos sobre o esporte. A bricolagem é um das possibilidades privilegiadas de socialização com os fundamentos do jogo; é praticada em ruas, praças, entre outros espaços à margem das instituições formais. Nela “não se ensina ou não se aprende apenas uma prática – do futebol, neste caso – mas um espectro de códigos, valores e normas denominados de cultura” (DAMO, 2003, p. 142).

Para Guedes (1982)¹⁵, a pelada pode ser caracterizada como a “instituição zero” do futebol brasileiro, já que dela parte o aprendizado não só das técnicas futebolísticas, mas também de valores éticos e da convivência com esses códigos. Apesar das peladas estarem se deslocando da periferia das grandes cidades ou estarem desaparecendo, em função da especulação imobiliária que assola os grandes centros urbanos, essa forma de praticar futebol vem resistindo, sobretudo nos campos de várzea

¹⁴ DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

¹⁵ GUEDES, S. L. **Futebol brasileiro – instituição zero**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em antropologia social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

remanescentes, onde continua sendo perpetuada em espaços destinados ao lazer e à sociabilidade dos seus praticantes. Tudo isso faz da pelada não apenas um espaço privilegiado à prática do lazer, em geral, e do futebol, em especial, “mas como uma instituição laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal”¹⁶.

Ainda que essas atividades sejam responsáveis pela transmissão de valores éticos essenciais à vida em sociedade, a pergunta que orienta este estudo é: como surgiu este jogo radicado na comunidade de São João Clímaco que no ano de 2014 completará 41 anos? Em contato com as fontes descobrimos que o surgimento do Preto X Branco remonta ao início da década de 70. Todavia, o critério étnico-racial, na ocasião, não era o fator que diferenciaria os jogadores dos times, como revela a Revista Trip (2004):

Num domingo de 1972, à beira da Estrada das Lágrimas, zona sul de São Paulo, numa roda de samba depois de uma clássica pelada de várzea no campo do Grêmio de São João Clímaco, Nitão, Zé Lauro e Erasmo – junto com Tipiu e Souza Bico – pretos – deram o pontapé inicial em uma legítima tradição da quebrada. “Todo fim de ano nós fazia um jogo casados contra solteiro e rachava o bico. Aí, tinha muito preto e muito branco e, nesse domingo, tomando aquela cerveja depois do jogo a gente teve a idéia da brincadeira”, conta Pedro Carlos Brianti, 55 anos, o tal do Nitão¹⁷, que ajudou a agilizar, para dali a 20 dias a primeira edição do futebol Preto contra Branco. (p. 66).

O estado civil, se casado ou solteiro, era o critério inicial utilizado para a vivência da sociabilidade masculina através do futebol. Neste sentido, homens casados, que se reconheciam como brancos, pretos ou mulatos, vivenciavam um jogo festivo contra solteiros, independente da sua atribuição étnico-racial. A eleição por separar um time de jogadores pretos, independente de serem casados ou solteiros, contra outra de jogadores, brancos, independente do seu estado civil, surgiu espontaneamente, como um fator para alimentar a brincadeira, como disseram.

¹⁶ DAMO, A. S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007. p. 50.

¹⁷ Este é outro equívoco da matéria. Ao invés de Nitão leia-se Litão, que é o apelido correto do Sr. Pedro.

Separar o preto do branco para jogador futebol não faz alusão a qualquer iniciativa de insuflar a discriminação racial ou a separação entre membros de uma mesma comunidade com poderia supor qualquer análise mais apressada. Ainda que posteriormente, a partir da sua vivência, este jogo pudesse revelar valores caros relacionados ao debate racial no Brasil, na sua concepção, o critério de identificação racial, se preto ou branco, foi a forma que os atores encontraram para elevar a excitação desencadeada pela fruição desta partida de futebol.

É importante dizer os atores atribuem muito valor ao suposto ineditismo da iniciativa deste jogo, ainda que na mesma São Paulo, nas décadas de 20 e 30, tenha observado a vivência de partidas idealizadas características parecidas¹⁸. Ao questionarmos se eles já haviam tomado conhecimento de algum outro “Preto X Branco”, todos os entrevistados disseram negar conhecer qualquer outro jogo com características similares.

O início dessa tradição remonta ao início da década de 70 em meio à tensão do crescimento desenfreado de uma metrópole como São Paulo:

Já existia esses campos de futebol onde é a Estrada das Lágrimas, que hoje é o conjunto habitacional de Heliópolis né, que na verdade é sub-distrito do Ipiranga e esse campo onde nós estamos atuando atualmente é Vila Arapuá. O evento começou em São João Clímaco nos anos 70 e está predominando até hoje (...). O “preto vs. branco” realmente começou na Estrada das Lágrimas, aonde eram os campos da várzea de São João Clímaco. Depois foi tomado o terreno pelos invasores de Heliópolis, tá entendendo? E nós acabamos ficando sem campo. Inclusive nós tínhamos lá 24 campos e as outras equipes que não conseguiram espaço porque a especulação imobiliária em São Paulo é muito grande e não tem espaço. Conclusão: sucumbiram. Mas como nós somos carismáticos, Flor de São João Clímaco essa parte, é o Flor de São João Clímaco, não sou eu, eu sou só uma partícula dentro desse ambiente todo conseguiu, juntou ao Arapuá, a fusão e nós fizemos uma associação junto com a prefeitura e o Departamento de Esporte né. Agora aqui é CDC né, é Centro Desportivo Comunitário para que fundaram certo e o estádio aqui nosso é o Estádio Benedito Sapateiro que é um grande batalhador do Futebol amador é da capital de São Paulo (entrevistado 1 – 58 anos).

Em uma comunidade altamente miscigenada composta por pessoas de uma classe menos favorecida economicamente uma partida que tem

¹⁸ Como observado em ABRAHÃO, B. O. L. **O preconceito de marca e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho - Programa de Pós-Graduação em Educação Física: tese de doutorado, 2010.

como uma de suas principais peculiaridades a autoatribuição da raça ou da cor pelos jogadores, que se definem como pretos ou brancos, ilumina as tensões sobre o que é ser preto ou branco no país da miscigenação. Na capa, lê-se: “Pretos e Brancos: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”. Na matéria, assinada por Endrigo Chiri Braz, o jogo foi apresentado da seguinte forma:

Uma vez por ano, no campo de várzea **da Favela de Heliópolis**, em São Paulo, pretos e brancos se dividem em times e racham a bola sem dó. Das arquibancadas, o corpo politicamente incorreto: “branquiiinho, viaaado”, “ei, negão, vai tomar no cu”. Tradição de 30 anos, a pelada que dispensa uniforme pode ajudar o governo na questão da cota para negros nas universidades do Brasil. Aqui, usa-se o princípio da auto definição de cor – “mas se aparecer loiro de olho azul para jogar para os pretos, aí não dá...” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 64-65, **o negrito é nosso**).

Seguindo o modelo do paradigma indiciário de Ginzburg¹⁹, que propõe atenção aos fatos que a princípio seriam secundários ou irrelevantes, propomos analisar uma situação bastante reveladora de uma das tensões presentes no surgimento do “Preto X Branco”. Entramos em contato com um dos informantes para conseguir uma fotocópia da revista *Trip*. Ao entregá-la esse mesmo informante que faz questão de se declarar “o mais preto dos pretos daqui”, se referiu àqueles que ocuparam os campos onde originalmente surgiu o Flor de São João Clímaco como “invasores”.

Temendo que pudéssemos propagar este equívoco que ele disse ter identificado na matéria da revista *Trip*, tal informante fez questão de corrigi-lo. Ao contrário do que foi dito na matéria, ele revelou que aquele espaço onde ficava o campo de várzea não se tratava de uma favela. Nós que conhecíamos pouco aquele “pedaço”, a fim de entender melhor as relações sociais estabelecidas ali, perguntamos: “Então aqui não é Heliópolis?” De maneira enérgica, o informante respondeu: “Você está vendo favela aqui?”.

De fato, ao contrário daquilo que foi publicado pela revista, não havia e nem se avistava aquela que é atualmente a maior favela da capital paulista, que foi construída desordenadamente num espaço que originalmente

¹⁹ GINZBURG. C. *Relações de força: histórica, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Futebol e diversidade cultural: Uma análise sobre a idealização dos jogos “preto x branco” em São João Clímaco/ SP

| Abrahão & Soares

abrigava cerca de 20 campos de várzea, que sediaram os primeiros passes e passos do “Preto X Branco”, na década de 1970.



Fonte: *Jornal da Tarde*, 12/12/2009, 8D.

Notamos que havia uma vontade flagrante daquele informante de não comprometer a identidade daquele grupo e não confundir seus membros com moradores da favela. Isto é, mesmo entre os habitantes que pertencem a uma classe menos favorecida economicamente existem códigos que são utilizados para diferenciar os moradores de São João Clímaco dos moradores da favela de Heliópolis. Era evidente o interesse daquele ator em mostrar que aqueles que compartilhavam aquele “pedaço” se diferenciavam daqueles que eram conhecidos como favelados.

No transcorrer do documentário, o grupo exibe uma fotografia que mostra o local onde eles disputavam as partidas iniciais do “Preto X Branco”. Hoje, segundo o Sr. Waldir Zuffo, um integrante que aparece no filme, está “tudo tomado”, referindo-se à favela de Heliópolis. Os idealizadores do jogo foram convidados para entrar na favela, a fim de reconhecer onde ficavam os campos. O Sr. Waldir Zuffo afirma no documentário:

Nós jogamos no domingo. Na segunda, quando a gente chegou, já estava tudo tomado. Tava tudo furado, o campo. Tudo com estaca, dividido, terreno por terreno, e já com plástico, pedaço de pau, já com criança, mulher. [...]. Aqui era que nem um parque, era 23 campos de futebol. No domingo, todo mundo vinha para cá, vinha andar de bicicleta, vinha andar de carro, vinha jogar bola.

O comentário de Walter Zuffo revela as tensões e os traços de diferenciação acionados pelos habitantes que vivem na periferia em contraposição aos moradores da favela de Heliópolis:

Eu nasci aqui. Eu não tenho nada que fazer na favela. Então eu não vou lá, e não faço amizade. Eu não procuro. E da mesma forma eles não têm muito interesse em misturar. Jogador de futebol vem. Jogador de futebol procura o Flor porque só tem o Flor e o Flor tem campo. E nós temos bons jogadores que vieram de lá. E se vier muito mais, tudo bem. A gente não faz diferença, eles que não se integram. Mesmo na festa de fim do ano, pouca gente vem da favela. E durante uns 25 anos nós demos. A carne, o chope era dado. Não se cobrava nada. Nós começamos a cobrar a partir de uns quatro, cinco anos atrás para selecionar, porque virou muita bagunça, quer dizer, no fim quando a gente chegava para comer e pra beber já tinha acaba tudo.

Para compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais, assim como as estratégias de distinção utilizadas pelos frequentadores do “pedaço” de São João Clímaco, utilizamos a perspectiva de Norbert Elias, em coautoria com John Scotson, no livro *Os estabelecidos e os outsiders*. Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração entre estabelecidos e *outsiders* são compostos de seres humanos individuais:

o problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles”²⁰.

Os autores descrevem no livro as tensões em uma pequena comunidade denominada Winston Parva, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, estes tratados como *outsiders*. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor, tratando-os como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”.

Não acreditamos que a comunidade de São João Clímaco enxergue os moradores da favela de Heliópolis como seres humanos inferiores, em

²⁰ ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 39.

função da situação financeira que faz com que estes morem na favela, símbolo do crescimento desordenado das grandes metrópoles, e o primeiro grupo viva em uma região periférica nessa metrópole. Ou seja: mesmo entre os menos favorecidos economicamente há formas de diferenciação e não há como negar que o modelo empírico de Elias e Scotson é útil para compreendermos as tensões na periferia de São Paulo.

Assim como em Winston Parva²¹ acreditamos que não haja uma diferença substancial de renda, tipo de ocupação, nível educacional dos participantes dos jogos e dos moradores de Heliópolis. A diferença reside no fato de que um grupo “compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e outro era formado por recém-chegados”²².

Relembremos que os antigos estabelecidos eram os idealizadores do “Preto X Branco”, que perderam espaço para os recém-chegados que ocuparam desordenadamente os espaços dos campos de futebol dos primeiros, ameaçando o estilo de vida e o conjunto de normas até então estabelecidas. Por conseguinte, o afluxo de moradores da favela era sentido como uma ameaça àquele estilo de vida estabelecido e a diferenciação entre estes atores distinguindo os “não favelados” dos “favelados”.

O documentário da TV Cultura inicia da seguinte maneira: “um jogo de futebol entre pretos e brancos foi o ponto de partida desse documentário. Durante uma semana gravamos entrevistas com alguns participantes desse jogo organizado todo final de ano pelo time de futebol de várzea Flor de São João Clímaco”. Waldir, um dos atores entrevistados pelo documentário, reforça o surgimento do “Preto X Branco”:

essa idéia do “preto x branco” quem trouxe pro Flor foi o Tipiu. Meu compadre, um crioulo que tinha amizade em São Paulo inteiro. Onde você fosse com ele, ele era conhecido e bem quisto. Era uma pessoa maravilhosa, agregadora. Gostava tanto de branco, quanto de preto. Mas ele resolveu criar o jogo branco contra preto. Ai começou a criar

²¹ Nome da comunidade estudada por Elias e Scotson (2000).

²² ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 21.

rivalidade mesmo. Sempre foi feito em dezembro, perto do Natal. Era festa, brincadeira, churrasco, chopp, cerveja. Aí pegou.”

Tendo como lugar de encontro para a filmagem do documentário o Bar do Medião lá se reuniram os idealizadores daquele jogo quando o Sr. Zé Lauro disse: “nós fazíamos casado contra solteiro até a década de 70”. Essa mesma versão é reforçada na matéria da TV Bandeirantes pelo próprio Zé Lauro quando ele concedeu o seguinte depoimento: “ – a gente fazíamos todo o fim do ano o ‘casado contra solteiro’. Isso aí o último foi em 1972, entendeu? E aí resolvemos fazer “preto contra branco” no ano seguinte. Fizemos um jogo só e deu certo. Aí foi pegando. Esse aqui já é 37”.

A matéria da Revista Trip elaborada a partir da memória dos atores entrevistados mostram que fatores externos, como o crescimento desordenado da metrópole, demandaram a transferência daquele jogo que inicialmente fora idealizado em São João Clímaco.

Flor se campo

Os anos foram passando, a tradição se firmando e o Preto contra Branco virou um clássico. Na década de 70, vez por ano, os boleiros dos mais de vinte campos de várzea que se localizavam na região que hoje é dominada pela maior favela da capital voltavam suas chuteiras para a festa do Flor. A torcida uniformizada de pretos e brancos crescia bastante, na mesma proporção da população sem-teto que desembarcava em Heliópolis para construir a vida. Pouco a pouco, barracos foram sendo construídos – na grande área, na marca do pênalti, no círculo central... Não sobrou nem um mastro de escanteio para contar a história. E o Flor ficou sem campo. (p. 66,67)

De lá, junto com o time do clube do Flor, o “Preto X Branco” perambulou pela Várzea até que, em 1992, foi convidado a dividir o Centro Esportivo Municipal Parque Fongaro com o Time do Clube Atlético Arapuá. Benedito Sapateiro, vulgo seu Dito, presidente do CEM, justifica o convite:

“Eles vieram fazer um Preto contra Branco aqui, o pessoal gostou da festa, veio bastante gente, então eu convidei o Zé Lauro”. E sempre foi assim. Por onde passaram com seu bom futebol e diversão, pretos e brancos aumentaram seus times.” (p. 66,67).

A matéria da TV Bandeirantes de Televisão foi gravada no dia 20 de Dezembro e foi ao ar em janeiro de 2010 da seguinte maneira: “Há 37 anos

nascia em um buteco do bairro de São João Clímaco, na zona sul de São Paulo, uma das festas mais tradicionais do futebol de várzea de São Paulo: o “preto x branco”. Atual campo do Flor de São João Clímaco é no Clube da Comunidade, lugar que desde 1991 recebe o “Preto X Branco”. O nome do estádio, Benedito Sapateiro, é uma homenagem ao Seu Dito. Na época, presidente do Clube da Comunidade, ele cedeu o espaço para o tradicional clássico. Disse Seu Dito, em entrevista à TV Bandeirantes: “ – esse terreno foi até eu que consegui. Foi em 1981. A gente temos aqui... já houve invasão, nós retiramos. Não tem mais campos na várzea. Estamos conseguindo segurar esse aqui.”

O Jornal da Tarde rememora o lugar onde são realizados os jogos. “As partidas serão disputadas no campo batizado em 2003 de Benedito Sapateiro. Ele fica dentro do Clube da Comunidade, o CDC (R. Professor Silas Baltazar de Araújo, 220, Vila Arapuá. Tel. 2531-0341). Entrevistamos o Sr. Benedito Sapateiro, o Sr. Dito, atual presidente do Flor de São João Clímaco que nos disse que em 94:

“eles [os participantes do preto contra branco] alugaram aqui pra fazer um preto contra branco e nós somos a minoria. Eles como tinham muita gente fizemos um preto contra branco aqui e gostamos. Aí um novo rapaz aí o Luiz, que já é falecido, fomos na casa pegamos o documento e batemos em duas entidades e pusemos o Flor. Aí ficou o Arapuá, CDC e o Flor, nos que trouxemos eles pra cá em 94”.

Atualmente esse campo de várzea é um dos poucos remanescentes naquela região. Rappin Hood disse no documentário que hoje em dia:

o campo do Arapuá é o último campo que sobrou. Não tem um clube aqui. Quem nem tem o Clube Atlético Ipiranga. Mas é a elite da quebrada, tá ligado. É lá, do lado de lá do túnel. Que é tipo a elite da quebrada né, mano. É os *boy*, né meu. Nós do túnel para cá, é a periferia da quebrada. Nós não temos o Clube Atlético Ipiranga. E esse é o nosso clube.

Tomamos os jornais como um dos guardiões da memória coletiva e suas narrativas impregnadas de um caráter documental que realimenta a oralidade dos leitores. As narrativas selecionam e classificam as

informações de acordo com o contexto e os interesses do jornal e da memória do grupo. Logo, exprimem opiniões, juízos e valores, caracterizando as análises de acordo com a ótica de determinado grupo ou instituição que, por sua vez, representa socialmente os indivíduos produtores da notícia ou o imaginário coletivo.

Nesta perspectiva, o Jornal da Tarde, um jornal local de circulação nacional, no sábado, dia 12 Dez. 2009, publicou uma matéria de uma página destinada a esse evento que ocorreria pela 37^a vez no domingo. A publicação no dia anterior ao evento objetivava apresentá-lo para que os interessados pudessem se programar e prestigiar o evento que iria ocorrer no dia seguinte.

O evento foi apresentado da seguinte maneira:

‘preto x branco: o grande clássico da periferia’. Há 37 anos, moradores de São João Clímaco, na zona sul, se reúnem às vésperas do Natal para uma confraternização incomum: jogos de futebol entre negros e brancos. O Curiosidade²³ foi conferir os preparativos para o embate de amanhã²⁴.

Se levarmos em consideração que a matéria figura-se no caderno de variedades e de uma parte que publica curiosidades sobre a cidade, podemos arriscar que o objetivo da matéria produzida por Marcelo Duarte, com reportagem de Bruna Ribeiro, não se limitou em apresentar aquele evento exótico e curioso para a população paulistana, mas também, a partir da memória dos seus protagonistas, divulgá-lo para todo o Brasil. Lê-se na matéria:

“Foi em um boteco no número 126 da Rua Tamatuá, em São João Clímaco, que o grupo de amigos de Cláudio Valeriano, o “Mô”, e Pedro Carlos Brianchi, o “Litão”, teve a idéia de organizar um jogo em que equipes os times seriam divididos pela cor da pele. O clássico foi batizado de Preto contra Branco. A inspiração foi uma tradicional partida de solteiros x casados que acontecia sempre por lá. “Como tinha muito negão na turma, pensamos em fazer a

²³ Caderno do jornal dedicado a curiosidades sobre São Paulo.

²⁴ Jornal da Tarde, sábado, dia 12/12/2009, Variedades, 8d.

Futebol e diversidade cultural: Uma análise sobre a idealização dos jogos “preto x branco” em São João Clímaco/ SP

| Abrahão & Soares

brincadeira”, conta Litão, de 62 anos. “Eu tinha até cabelo Black Power nessa época”, diverte-se Mô, 53 anos²⁵.

Para resgatar a história do jogo, o jornal se vale da memória de Litão e Mô, dois dos principais idealizadores dos jogos e, por isso, exibem seus rostos naquela matéria que tematiza o “Preto X Branco”:

“em 1972, ano de criação do “Preto Contra Branco”, a área hoje ocupada pela favela de Heliópolis, na zona sul da cidade, tinha 22 campos de várzea. Era lá que times como o Flor de São João Clímaco, fundado em 1952, treinavam e jogavam. Ali aconteceram os primeiros “preto contra branco”. São João Clímaco e o Heliópolis são separados pela Estrada das Lágrimas (foto). Na década de 80, os barracos tomaram conta dos campinhos. “Em 1991, o Benedito Sapateiro era presidente do Clube da Comunidade e cedeu o campo para o Flor treinar nas tardes de sábado. O “Preto Contra Branco” veio junto”, conta Litão²⁶.



Fonte: Jornal da Tarde, 12 Dez. 2009

O entrevistado 9, um dos idealizadores do jogo e um dos coordenadores do time dos brancos, nos disse que primeiro jogo ocorreu em 1971 com a divisão dos times entre “casado contra solteiro” e, em 72,

²⁵ Jornal da Tarde, sábado, dia 12/12/2009, Variedades, 8d.

²⁶ Jornal da Tarde, sábado, dia 12/12/2009, Variedades, 8d.

ocorreu o primeiro “preto contra branco”: “A ideia surgiu assim sabe, num buteco: - vão fazer preto contra branco e fez”. Essa mesma origem foi relatada para a Revista Placar quando, na ocasião da entrevista concedida, foi enfático com relação à intenção da idealização da partida: “a intenção era essa aí, esse negócio de racismo, entendeu? Aqui não tem racismo. Um xinga o outro, joga, brinca, mas depois a festa é tudo junto. Se sai alguma discussão durante o jogo acabou, acabou, vai beber junto, comer junto”.

Há outras versões alternativas sobre as demandas relacionadas ao surgimento do “preto contra branco”, como revelado pelo informante 1:

O surgimento desse jogo ele deu-se no bar central num bar que nos freqüentávamos após os jogos do Flor de São João Clímaco, fazia-se batucada. Esse bar é em São João Clímaco é lá não existe mais. Hoje no local é correio e normalmente os pretos se acham melhor jogador e os brancos se achavam melhor jogadores e melhores batuqueiros né (risos). Então nós fomos tirar esse impasse futebolisticamente falando. (...) Quem jogava melhor, quem batucava melhor? Então nós fomos fazer essa contenta e motivado também para agregar mais o pessoal e na realidade churrasco e cerveja né. Porque em todo meio social existem aquelas pessoas que nessa época ficam comovidos ou porque os pais faleceram, outro porque tão separado. Então nessa hora aí nós somos amigos de infância. O grande âmagô da questão é que nós somos amigos de infância porque nós temos amigos aqui é de 50 anos. Está aqui o Benedito Sapateiro que nós trouxe pra cá e nós fizemos uma fuzão. O Arapuá jogando aos domingos, porque na realidade o Flor de São João Clímaco sempre foi aos domingos. Depois que perdeu o campo nós passamos a jogar de sábado a tarde aqui por intermédio do Benedito Sapateiro que está aqui desde 1947, então a gente se conhece aqui há 40, 50 anos a maioria.

As elaborações desse informante agregam um novo ingrediente ao surgimento do “preto x branco”: a necessidade em esclarecer quem melhor sabe jogar futebol ou tocar samba, o preto ou o branco? Diante da demanda do esclarecimento dessa dúvida, a busca pelo prazer e pela necessidade de sociabilização, satisfeitos através da vivência do futebol e do samba, foram as razões que motivaram a realização desse jogo idealizado com o intuito de promover e perpetuar a confraternização entre os membros de uma comunidade da periferia de São Paulo que se declaram amigos desde a infância.

A finalidade de confraternização dá a tônica das elaborações sobre o surgimento segundo o entrevistado 13:

Ele começou com uma brincadeira quando era mais jovem de um tirar um sarrinho do outro, brincadeira de colégio, um amigo nosso falou: - vamos fazer uma brincadeira assim, negro de um lado, branco do outro. Meu cumpadre Wilson Pires da Silva que estava aqui agora, ele que começou com tudo isso e eu também sou do primeiro jogo, eu vim pra jogar, ele veio e aí começou. No outro ano foi assim. Aí acabou o jogo fomos tomar aquela cervejinha, o ano que vem vamos fazer de novo, vamos dar seqüência. Aí veio, isso começou entre a gente, uma coisa bem pequenininha e foi dando seqüência, ao longo dos anos. O que aconteceu isso aí foi se tornando muito conhecido, veio jogadores profissionais, veio pessoal assim de artista, gente do meio do mundo artístico começou a aparecer e isso começou a ser divulgado e foi crescendo e nós fomos dando seqüência, cresceu de uma tal maneira que agente nem esperava que ia ser desse jeito.

Na medida em que este jogo foi sendo realizado anualmente ele se enraizou na comunidade de São João Clímaco e começou a agregar novos símbolos capazes de legitimar esta festa mediada pelo futebol. O entrevistado 6, auto-declarado branco, e um dos idealizadores do jogo, acrescenta um novo ingrediente para a perpetuação da partida: a presença dos boleiros:

É o seguinte, isso começou na cidade como uma brincadeira, lá em São João Clímaco. Aí depois, pra turma não fica mais parada, porque era tudo moleque novo, né. Na época tinha 23 e 26 anos, mais ou menos. Então começou eu, Tipiu, Magrão, Cloves, Erasmo, Zé Lauro, a cambada toda que participava, então não tinha o que fazer, então vamos fazer um joguinho, porque o campo ficava, porque tinha muito campo pra jogar, então começamos a jogar, aí começou. Aí todo jogo era só cervejada. Então era uma festa. Como o Flor era um time mais *top* na época né, era mais famoso, aí começou a festa. E aí começamos a brincar e aí apareceu muito negro, negrão né. Aí o Tipiu também era negão, que é falecido né, aí começamos a fazer a brincadeira. Foi pegando, o esquema foi dando certo e foi aumentando, começou a vir boleiro, sabe como é que é né.

Boleiro é um termo nativo para se referir ao jogador de futebol profissional. Sendo a várzea um espaço de vivência desse tipo futebol praticado no âmbito do lazer, mas que contém alguns ingredientes do futebol profissional como salientou Damo²⁷, a presença dos boleiros foi e

²⁷ DAMO, A. S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

ainda é uma constante naquele jogo. Ainda sobre a várzea Damo disse que “há muitos ex-boleiros que dispõem seus capitais futebolísticos nesses circuitos paralelos (a várzea), quando encerrada a carreira ou mesmo em fase de recoversão”²⁸.

Essa observação se replica no “Preto X Branco” fazendo com que ele assumira uma posição de destaque no futebol amador da cidade de São Paulo. Os boleiros que frequentam aquele pedaço é um dos ingredientes que simbolizam a proximidade daquele jogo aos códigos do futebol profissional. Isso serve para fortalecê-lo junto à comunidade local e do futebol.

Considerações Finais

A análise das fontes nos revelou que o jogo surgiu em 1972, mas foi somente a partir do início da primeira década do Séc. XXI que se tornou conhecido para além das fronteiras da comunidade em que surgiu. A questão é porque somente após 31 anos que esse jogo-ritual ganhou visibilidade junto à grande mídia? A resposta pode residir no fato de que a especificidade desse jogo, para além do inusitado, se relaciona com o tema das relações raciais na cultura brasileira e estava naquele período reacquecido em função da adoção de cotas em algumas das universidades brasileiras²⁹.

Não é nosso objetivo nesse momento traçar uma historicidade sobre o tema das cotas no Brasil e, por conseguinte, tratar de analisar esse debate. Todavia, o interesse sobre a existência de um jogo que explicita as identidades de pretos e brancos caiu como uma luva naquele contexto de debate das cotas raciais. Destaque-se que o tema da tensão racial e da desigualdade baseada na cor da pele sempre foi tratado de forma secundária na sociedade brasileira, mas a partir da primeira década do XXI este ganhou maior atenção, especialmente a partir do segundo mandato do

²⁸ *Ibidem*, p. 46.

²⁹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual da Bahia e tantas outras (Kamel, 2006).

ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O tema das relações raciais passou a fazer parte definitivamente da agenda política. Elogiada por uns³⁰, criticadas por outros³¹, a discussão sobre as cotas na universidade ou no serviço público esteve e ainda está longe de consenso. As dificuldades são várias, pois, vão desde as dificuldades conceituais de raça e/ou cor da pele como marcadores legítimos da segregação econômica e social historicamente construídos, até os protocolos práticos de reparação e de auto atribuição de cor em nossa sociedade.

O destaque dado ao jogo ritual de Pretos X Brancos, pela Revista Trip, além de problematizar o tema do preconceito racial no Brasil, também objetivava reacender a polêmica a respeito da adoção da política de cotas nas universidades brasileiras. Em um país altamente miscigenado, composto em sua maioria por não-brancos menos favorecidos economicamente, uma partida de futebol que pauta a auto-atribuição da raça ou da cor pele de seus participantes se torna um furo de reportagem naquele contexto de revisão e reconhecimento da desigualdade gerada pelo passado escravocrata de nossa sociedade.

Neste sentido, este jogo que tenciona os conflitos sociais dos moradores da periferia de São Paulo passou a receber um novo significado na medida em que no início do Século XXI passou a iluminar questões relativas à discussão sobre as cotas no Brasil. Vê-se que os jogos surgiram no início da década de 70, nos anos duros do regime militar, num contexto em que a mera menção de raça ou racismo resultava em sanções sociais e, no limite, em repressão e até mesmo exílio de acadêmicos brasileiros que se ocupassem de estudar o tema das relações raciais³².

³⁰ Ver CARVALHO, J. J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p.88-103, Dezembro/Fevereiro 2005-2006).

³¹ Ver KAMEL, A. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006).

³² TELLES, E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

A memória dos atores que idealizaram o jogo remonta ao início da década de 70 e é ela que tem sido utilizada para construir uma narrativa sobre essa tradição que vem se perpetuando ao longo dos últimos 41 anos. Quais sentidos assumem a idealização de um jogo com estas características para uma cidade como São Paulo? Esses jogos de confraternização sempre se valeram da divisão das equipes sustentadas por marcadores sociais. Inicialmente por aqueles que assumem os códigos de um estado civil da condição de homens casados contra homens solteiros. Essa polarização foi o ponto dessa partida que ocorreu apenas por um ano. A partir de 1972 os idealizadores buscaram outro marcador social: a raça ou a cor dos jogadores.

Motivada pela necessidade eleger um marcador social para diferenciar os times e promover um jogo de confraternização ao final do ano civil a eleição pelo critério étnico-racial para diferenciação das equipes revela de aspectos caros à constituição da identidade nacional. A partir das falas de alguns dos organizadores dos jogos, que se replicam no documentário, na revista especializada e em um jornal local, observamos as singularidades e as curiosidades que circulam em torno da idealização deste jogo tradicional que dramatiza o temas étnico-racial na cultura brasileira através da rivalidade construída por auto-declarados pretos e brancos.

Em *Festa no Pedaco*, Magnani (1996)³³ trata sucintamente do futebol de várzea, da sua importância enquanto gerador de eventos no “pedaco”. Esse estudo mostra como a etnografia pioneira realizada por Magnani, tematizando o lazer e o entretenimento dos grupos populares, continuam atualizados, uma vez que São João Clímaco empenha-se em preservar certas práticas de sociabilidade enraizadas na cultura nacional, como o ritual esportivo do “Preto X Branco”.

O evento analisado surgiu dentro de um horizonte que combina, desde sua idealização até os dias atuais, futebol, samba e cerveja, temas caros à constituição da identidade nacional. Jogar futebol na várzea sem qualquer tipo de distinção e depois tomar cerveja em uma roda de samba

³³ MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

seria a “quintessência” do “ser brasileiro”. Intimamente ligados à constituição da identidade brasileira, a integração desses três elementos (futebol, samba e cerveja) é uma das formas de sociabilidade coletiva prediletas dos habitantes dos bairros da periferia dos grandes centros urbanos.

Estar “entre amigos”, jogar uma pelada na várzea e depois tomar uma cerveja num bar com os amigos conversando sobre futebol é uma das atividades que os moradores da região do Ipiranga mais gostam de praticar nos seus momentos de lazer independente da motivação desencadeadora do jogo: se distinguir quem é casado de quem é solteiro, ou quem é preto de quem é branco.

A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos” e a ausência de qualquer tipo de discriminação são valores que o grupo busca afirmar desde 1972 transmitindo-os pela cultura local através da vivência do futebol no plano do lazer. A adoção do critério racial para diferenciação dos times e a composição do jogo “Preto X Branco” ajuda a reforçar os valores antirracistas, caros à constituição, à vivência e ao *ethos* do povo brasileiro.

Recebido em 16.01.2014

Aprovado em 11.07.2014